



Dangerous Nation. America's Place in the World from its Earliest Days to the Down of the Twentieth Century

Robert Kagan

New York: Alfred A. Knopf, 2006, 527 pp.

ISBN: 0375411054/978-0375411052

Nem Poder, nem Perigo: uma história realista da América, segundo um neoconservador

É impossível fazer uma recensão sobre o novo livro de Robert Kagan, *Dangerous Nation*, sem o comparar com o anterior, *Of Paradise and Power*, porque por muitos livros que escreva, o autor será sempre identificado com a célebre frase, “os Europeus são de Vénus e os Americanos são de Marte”, debatida e citada até à exaustão, algumas vezes já sem referência à autoria, uma vez que é um daqueles raros casos em que uma expressão ganha vida e autonomia, relegando quem a escreve para segundo plano.

Então, o que é que este novo livro, de título sugestivo, tem a ver com o anterior, de título mais apagado? Nada, ou quase nada. *Of Paradise and Power* (ou na versão portuguesa *O Paraíso e o Poder*) quando comparado com este novo volume, parece um artigo de jornal, escrito à pressa para aproveitar o impacto do momento mediático criado pela crise transatlântica de 2002-2003. A intenção não é desvalorizá-lo. Apesar de ter uma argumentação por vezes simplista, *Of Paradise and Power* desempenhou, muito bem, o seu papel. O seu contributo intelectual estimulou o debate, deu origem a muitos outros artigos e livros, suscitou em Americanos e Europeus a dúvida sobre a sua posição num mundo complexo e de difícil entendimento. Kagan simplificou o que é difícil e polemizou uma questão “dolorosa”, mas essencial, usando um *timing* perfeito.

Dangerous Nation não vai fazer nada disso. Não é um livro mediático, apesar do argumento não ortodoxo; pode não ser de leitura difícil, mas certamente reconhece-se nas suas mais de 400 páginas (a que se somam 100 de bibliografia) a reflexão profunda de um historiador preocupado em reescrever a história dos Estados Unidos da América. Se *Of Paradise and Power* parecia um livro rápido, escrito em poucos dias, para ser lido em poucas horas, conciso, concentrado em conceitos-chave e exemplos de simples apreensão, *Dangerous Nation* é um livro longo, estruturado, pensado, parece um daqueles trabalhos que levou muito tempo a elaborar, onde nenhum pormenor foi descuidado.

Vamos então ao argumento: Robert Kagan pretende inverter o sentido em que a história dos Estados Unidos é, tradicionalmente, narrada; substitui a temática do *isolacionismo* do primeiro século e meio de existência do seu país pelo *expansionismo*, predicado principal que acredita ser a pedra-de-toque das decisões de política externa dos Estados Unidos. É certo que Kagan não “entra” no século XX, período em que este argumento seria muito mais fácil de justificar, mas encontra em toda a história anterior vestígios e origens quer do comportamento da América nos últimos cem anos, quer das próprias teorias que Kagan tem defendido em artigos e livros anteriores. Para o historiador, os Estados Unidos sempre procuraram a expansão, sempre o fizeram por motivos morais, não sendo, portanto, surpreendente que o mesmo fio condutor se mantenha desses dias dos Pais Fundadores aos do controverso George W. Bush.

Para pôr à prova o argumento, seguimos um exemplo paradigmático, o famoso *Farewell Address* de George Washington. Este discurso é apontado como um dos momentos mais simbólicos do *isolacionismo* norte-americano. Kagan desmistifica-o. Como? Reduzindo-o àquilo que na realidade foi: um discurso que se destinava a um determinado momento histórico, a determinadas condições políticas e não um paradigma para os dois séculos seguintes da política externa norte-americana (p.112/113). Na época, o grande debate centrava-se na definição de alianças políticas. Os Federalistas (o partido de Washington e Hamilton) acreditavam numa aliança táctica com a Grã-Bretanha para garantir a vantagem da geografia – a protecção do antigo colonizador que evitasse a intromissão de países europeus na esfera do continente americano constituía, para os Federalistas, a opção que melhor garantia os interesses da nova república. Nas eleições presidenciais a realizar dois meses depois, os Federalistas competiam com Thomas Jefferson, o candidato Republicano, que defendia uma grande aliança com a França, que considerava, desde a Revolução de 1789, uma República irmã. Os franceses, apercebendo-se da oportunidade, declaram que os Estados Unidos tinham que optar pela aliança ou pela rivalidade declarada; se Jefferson ganhasse, o caminho era a aliança, que os Federalistas consideravam perigosa, temendo que os planos franceses fossem no sentido da subjugação americana por consentimento,

o que punha em causa os valores revolucionários da jovem república. A possível aliança com a França era, pois, o cenário de fundo da máxima “no entangling alliances” de Washington. A intenção do primeiro presidente dos Estados Unidos não era evitar o comprometimento internacional nas décadas subsequentes; era, isso sim, evitar uma aliança franco-americana em 1796. Segundo Kagan, este discurso tinha *apenas* essa intenção, perfeitamente identificável pelo público a quem foi dirigido.

Esta posição é discutível, principalmente se tivermos em conta o argumento do livro. Kagan quer provar que a América é, porque sempre foi, expansionista. Não consegue; como revela o exemplo – que é, repetimos, paradigmático de muitos outros que figuram neste livro – a América sempre foi, e é, realista. Não um realismo vulgar como o próprio Kagan demonstra, mas um realismo coberto pelo excepcionalismo americano, com regras próprias, mais tendentes à moralidade democrática do que à amoralidade política. A época a que Kagan se reporta é diferente dos dias de hoje. O expansionismo territorial era aceite em nome da estabilidade, era *prática corrente* nos séculos XVIII e XIX, e o suposto expansionismo comercial, a marca distintiva americana na história do mundo, era o aperfeiçoamento da política externa britânica de comércio livre, o reflexo do modelo enunciado por Adam Smith, seguido pelas elites americanas para enriquecer e promover o desenvolvimento da República. Se há alguma coisa de verdade na abordagem convencional ao *Farewell Address* de Washington, é o respeito que, desde muito cedo, a República Americana votou à autodeterminação dos povos e a sua consciência de que estava a construir um projecto político inovador que tinha por base um conceito, esse sim, que se mantém intacto até aos dias de hoje: o de liberdade. E a auto-determinação, como nos conta Kagan, era para os americanos um passo para a liberdade de escolher o modelo democrático por si inventado, o que está muito distante da ideia de domínio.

Mas apesar de o argumento – que claramente vem tentar justificar as políticas neoconservadoras para o século XXI – não convencer na totalidade, Robert Kagan elaborou um excelente livro de história dos Estados Unidos da América, sobre os debates e as tensões, entre duas facções dominantes (sejam elas Norte/Sul, Federalistas/Republicanos; Republicanos/Democratas), tensões das quais nasceu e cresceu a América que hoje pensamos conhecer, mas cuja história continua a ser rescrita, com resultados tão impressionantes como o de *Dangerous Nation*. Este é um livro à Walter McDougall, à Walter Russell Mead: rigoroso, mas criativo. *Dangerous Nation* faz-nos pensar que, da próxima vez que Kagan escrever um livro, preferimos que seja mais parecido com este do que o outro, *Of Paradise and Power*, apesar de sabermos que para isso, temos que abdicar da polémica e da citação fácil que todos reconhecem.

Diana Soller